

## “Tudo Tem Seu Lado Bom e Seu Lado Ruim”<sup>1</sup>: Usos e Abusos da Internet/Computador<sup>2</sup>

Sérgio Luiz Alves da ROCHA<sup>3</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), RJ

### Resumo

O surgimento da Internet provocou uma reconfiguração na relação com o objeto material que historicamente constitui-se como o livro. Falamos em reconfiguração e não de uma simples substituição. Neste trabalho, cujo escopo mais amplo foi o de uma pesquisa de doutorado em educação, realizada em uma escola de ensino médio da rede pública estadual do Rio de Janeiro, apresento as falas de alguns alunos e professores sobre as complexas relações entre a leitura do livro impresso e a leitura na tela do computador. Também são analisadas algumas questões que envolvem a relação das atividades escolares com a internet no contexto de apropriação pelo campo da educação.

**Palavras-chave:** Leitura; Livro; Internet; Educação.

### Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla sobre as diferentes concepções de leitura existentes em uma escola de ensino médio da rede pública estadual do Rio de Janeiro. Os professores e os alunos desta escola foram convidados a produzir um conjunto de imagens sobre o espaço escolar que pudessem manter alguma relação com o tema da leitura e da escrita. Posteriormente, a partir destas imagens, foram realizadas um conjunto de entrevistas. Nestas entrevistas os sujeitos explicitavam as razões que motivaram a produção das imagens.

Diversos temas foram contemplados nestes diálogos com os sujeitos da pesquisa: os diferentes significados da leitura, os diferentes suportes nos quais a leitura é realizada, o papel da escola e dos professores no estímulo às práticas de leitura, a relação entre a leitura no livro impresso e na tela do computador, entre outros. No presente texto abordamos as falas dos sujeitos que tematizaram este último aspecto. A relação de professores e alunos com o livro impresso e a sua comparação com a leitura realizada na tela do computador, suas falas sobre de que modo estes diferentes suportes podem auxiliar ou dificultar as atividades relacionadas ao cotidiano escolar estão presentes no conjunto das falas.

---

<sup>1</sup> Parte de uma das falas da aluna Bruna sobre o computador.

<sup>2</sup> Trabalho apresentado no GP Educação e Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>3</sup> Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ, email: [sergio.rocha@ifrj.edu.br](mailto:sergio.rocha@ifrj.edu.br).

### **A escola e o livro e computador/internet**

Há profundas relações entre as concepções de escolarização e o objeto cultural que denominamos livro (MARTÍN BARBERO e REY, 2004; MACHADO, 1994). As mudanças na economia da produção dos livros, caminhando *pari passo* com o seu barateamento e a necessidade de escolarização, foram geradoras de algumas importantes modificações nas formas de aprendizado, marcadamente definidas pela necessidade de memorização e de recursos outros que possibilitassem a guarda das informações de acesso restrito, somente disponível nos poucos livros de propriedade dos professores.

O estabelecimento de uma concepção sobre o aprendizado que caminha do simples para o complexo, do concreto para o abstrato, seguindo a lógica linear, a associação do desenvolvimento psíquico/cognitivo ao processo de aquisição da escrita e da leitura, assim como a própria separação entre o mundo adulto e mundo das crianças, são apenas algumas das características do processo escolar cujas raízes encontram-se na lógica do livro escrito.

Se o livro nos legou um conjunto de concepções que estruturam as práticas/saberes escolares, parece no mínimo aceitável que, no momento em que novas formas de comunicação ganham espaço na sociedade, novas questões serão propostas à instituição escolar. Assim, por exemplo, o surgimento da televisão e a sua penetração entre os jovens gerou um mal estar na instituição escolar. A escola tradicionalmente associou “civilidade/cultura/crítica” à palavra escrita, em oposição à imagem, “superficial, manipulável e simplificadora”.

Mas nem bem a instituição escolar havia resolvido o dilema de sua relação com os produtos televisivos e já surgia o computador. De início, parecia que o computador poderia ser enquadrado a partir dos mesmos argumentos direcionados à televisão. Mais eis que a associação do computador com a internet fez que com que o computador não pudesse ser interpretado a partir da mesma lógica imagética direcionada à televisão: muito se lia – e se escrevia – nas telas do computador. Assim, a diferença entre as experiências de leitura passou a ser uma das questões no interior do discurso escolar.

### **Livro e computador nas falas dos sujeitos**

No momento em que realizei a pesquisa sobre algumas questões relacionadas às práticas de leitura, tive a oportunidade de discutir com alunos e professores as relações entre a leitura do livro ou do material impresso e a leitura na tela do computador. Encontrei entre as falas dos sujeitos algumas análises críticas em relação ao uso do computador/internet quando comparadas à leitura do livro impresso.

Um dos alunos, Michel, acredita que assistimos a um declínio da importância do livro impresso à medida que houve um crescimento do uso do computador e dos artefatos culturais a ele relacionados.

(Michel) Hoje em dia o livro é deixado muito de lado por causa da tecnologia. Antigamente, antes do computador, era tudo livro. Estudava no livro. Os adultos liam mais. Mas agora com esse negócio da internet, o senhor passa uma pesquisa, aí vai no *Google* pesquisa, aparece um monte de sites. Aí escolho um lá, leio rapidinho, [faço] um resumo, ponho para imprimir, entrego.

Michel complementou essa sua fala dizendo que muitos jovens acessam a Internet e as redes sociais porque estão interessados apenas em ler seus recados. Segundo ele, esses mesmos jovens, quando precisam “pegar um livro para ler, [...] não tem paciência de ficar parado lendo, mas ficam duas, três, quatro horas e tem gente que até vira a noite na internet”. Michel avalia o passado da leitura como aquele tempo mítico onde ela teria sido uma prática intensa. A tecnologia/computador/internet teriam posto fim a essa era, criando a possibilidade de um tipo de leitura mais efêmera, superficial, realizada de modo ágil.

De sua fala deriva uma diferença significativa entre dois tipos de leitura. O livro apresenta-se como um objeto único diante de seu leitor, estando o seu conteúdo restrito aos seus limites físicos. Diante dele o leitor executa um trabalho que exige “paciência” e imobilização do corpo, já que ele deve “ficar parado lendo”. Mas a tela disponibiliza ao leitor-navegador uma multiplicidade de informações, um “monte de sites”. O acesso a esses sites exige que o leitor-navegador execute movimentos de *click* no *mouse*, alternando-se entre janelas, abrindo-as ao mesmo tempo. Embora diante de um mesmo suporte, ele se depara com um conteúdo que é infinito, derivando talvez daí seu comportamento “impaciente”.

A questão da leitura na tela do computador e a comparação com as práticas relacionadas ao livro impresso aparecem em outro conjunto de falas.

A aluna Natália diz que é mais fácil ler no livro porque “no livro está ali, você está vendo”. Sua amiga Hayres afirma que enquanto você pode pegar um livro na biblioteca sentindo-o em suas mãos “Na internet você não acha que tem uma coisa física na mão, [não] tem uma coisa para pegar”.

A professora Cláudia, de língua portuguesa, por sua vez, ao comparar a leitura no computador com a leitura do livro impresso afirma que elas são bem diferentes. Ao ler um livro impresso “Você se aninha, cria um ninhozinho. Deita na sua cama, vai ler. É um ninho. É um outro sabor. Acho a internet mais fria. O livro você deita, você vira a folha, você manuseia”.

A aluna Bruna afirma que “é ruim ler no computador”. Ela comenta que adora ler e que não pode “ver um livro com aquela capa novinha que me dá logo vontade de ler”. Mas no

computador é diferente porque “já dói a vista. Você tem que ficar ali parado na frente. Às vezes, se não for *laptop* então, tem que ficar sentada, e eu adoro ler deitada também”. Embora não ache difícil manusear o computador ela acredita que nele a prática da leitura é mais incômoda. Apesar disto ela afirma que não tem “muita dificuldade com tecnologia” e que acha “até prático, você baixar um livro e ler no computador. Só que eu acho melhor, eu gosto mais de ler o livro encadernado”.

As alunas Vanessa e Lívia comentam.

(Vanessa) Quando eu comecei a ler os livros do Crepúsculo, o primeiro eu li na internet. Agora que comprei o segundo, e estou começando a ler o livro. [...] li a metade na internet e agora a outra metade eu estou lendo no livro. [...]

(Sérgio) E ler na internet é pior ou melhor do que ler no livro?

(Vanessa) Ah, é pior, ainda mais que eu uso óculos.

(Lívia) Os livros do Harry Potter eu li tudo na internet, depois é que eu comprei.

(Vanessa) Cansa muito a vista, mas é legal.

(Lívia) Eu acho que o livro, eu não sei explicar, mas você pegar o papel do livro, sei lá.

(Vanessa) E você pode levar o livro para qualquer lugar e ler.

E Marcela e Lucas, alunos, comentam que:.

(Marcela) Não, eu até leio, assim, às vezes, é mais ler assim reportagem, no site, assim, vejo assim reportagem legal, aí leio. Eu uso muito computador. [...] Eu já cheguei a baixar um livro do Machado de Assis, mas não [...] consegui ler não. Que é muito ruim. Eu baixei também outro dia Pai rico, pai pobre, mas não li. É muito ruim de ler. [...] É chato. Ainda mais [que] na minha casa tem muito barulho, fica na sala, então minha mãe falando, alguém falando do lado lá, com a TV também ligada, você não presta atenção e também, poxa, você pegar, estar próximo de você e tal. Eu prefiro o livro mesmo.

(Sérgio) E vocês o que pensam sobre essa questão? Concordam com a Marcela?

(Lucas) Com certeza. Acho que mais por uma questão do toque, da proximidade. Poder fazer o que você quiser. O computador, você tem que estar sentado olhando pra ele.

(Marcela) É você pode mudar de posição. Ler prá cá, ler deitado, ler sentado. No computador não, fica lá, lendo.

Esse conjunto de falas aponta para uma série de questões relacionadas às práticas de leitura do livro impresso a partir de sua oposição à leitura feita na tela, que complementam as reflexões de Michel. A partir delas podemos elencar uma série de práticas associadas ao ato de ler, que corroboram a posição de Cavallo e Chartier quando afirmam que o ato de leitura não pode se visto como “um invariante antropológico”. Pelo contrário, como depreendemos destas falas, a “leitura é sempre uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos” (CHARTIER, 2002, p.6).

Vemos que, se uma certa imobilidade corporal, física, é apontada por Michel como condição de leitura do livro, em algumas falas o fato do computador ser um equipamento que não pode ser deslocado facilmente é avaliado como uma desvantagem quando comparado à mobilidade do objeto livro, em sua materialidade. O livro “está ali, você está vendo” e você “pega”, tendo “uma coisa física nas mãos”, “uma coisa para pegar”. “O livro

encadernado” você pode levar para qualquer lugar, até mesmo para a cama, onde você “se aninha, cria um ninhozinho”, conferindo a essa leitura “um sabor”. Indo além da fala de Bruna eu diria que além desse “sabor” ele pode ter um cheiro, como pode acontecer com o livro de “capa novinha”.

Em relação aos espaços de realização da leitura citados por Cavallo e Chartier chamo atenção para as fotos das alunas Isabela e Samanta que retratam respectivamente o banheiro<sup>4</sup> e uma árvore existente no espaço escolar, considerados como locais onde é possível o exercício da leitura. Para Isabela no banheiro a pessoa está “em seu momento reflexivo” onde ela, se “não deu tempo de terminar de ler, carrega para o banheiro e se concentra melhor”. E ela complementa seu raciocínio dizendo.

(Isabela) Acho que todo mundo por mais que sintam assim vergonha, não exponha para os outros, mas sempre vai ter lá um tempinho. Tem gente que tem até uma montoeirazinha (sic), um cestinho de revista e tal. Acho que até porque assim, por exemplo, não tem tempo de ler na vida assim. Aí aproveita lá e fica sabendo de uma notícia, viaja um pouco no que está sendo lido e tal. Ah, acho tão legal.

A aluna Samanta, por sua vez, escolheu fotografar um local um pouco mais inusitado. Uma árvore. A escolha foi motivada porque “[...] locais com uma árvore me lembram a tranquilidade. E sinceramente, eu costumo ler em cima da árvore”. Ela comenta que infelizmente não é possível levar o computador para cima da árvore, mas que na casa de sua avó há um local que parece ter sido construído para a realização das suas leituras. Ambas as imagens, a do banheiro e da árvore, tornam visíveis um aspecto da leitura do livro impresso, relacionando-a à tranquilidade e à quietude.

Mas e a leitura no computador? Ler no computador é incômodo, “dói a vista” e ainda temos de ficar presos diante dele já que temos “de ficar parados”. Ao mesmo tempo, ao realizar a leitura “[n]a internet você não acha que tem uma coisa física na mão”, que possibilita a “questão do toque, da proximidade”, sentindo a experiência concreta de “pegar o papel do livro” e sentir seu “sabor”. Não possibilitando esse tipo de relação, a leitura na internet é “mais fria”.

Como afirma Chartier, está em jogo aqui uma nova maneira de ler, tornada possível pela nova forma de inscrição do texto na tela que é diferente daquele que se apresenta para o leitor moderno ou contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, que se vê diante de um texto organizado em cadernos, folhas e páginas.

---

<sup>4</sup> O professor André de língua portuguesa ao fazer suas fotos perguntou se não poderia fazê-las em casa porque gostaria de fotografar seu banheiro. O mesmo ocorreu com a professora Deise de biologia. A foto de Isabela conferiu visibilidade a uma prática comum de leitura.

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler (CHARTIER, 1998, p.13).

É visível nas falas essa ideia de que o texto, e o suporte através do qual ele é veiculado, constituem uma unidade. Em contrapartida, as telas dos computadores tornam possível a circulação de uma infinidade de textos distintos, não havendo uma identidade entre esses textos e o suporte. Na cultura impressa havia a possibilidade de estabelecer uma “ordem dos discursos” com base na materialidade do suporte: a carta, o jornal, o livro, etc.

No mundo digital, a circulação de todos os textos em um único suporte, impossibilita o estabelecimento de uma distinção entre “os diferentes gêneros ou repertórios textuais que se tornam semelhantes em sua aparência e equivalentes em suas autoridades”. Para Chartier, nossas inquietações hoje estão relacionadas a essa perda dos antigos critérios que nos permitiam “distinguir, classificar e hierarquizar os discursos”<sup>5</sup> (CHARTIER, 2002, p. 109).

Mas, retornado a fala de Michel, ela nos propõe uma questão: Michel diz que os jovens ficam muitas horas diante do computador e até viram a noite. Mas, como ele mesmo afirma, os jovens fazem isso para ficar nas redes sociais. As falas acima e outras, indicam que mesmo apontando problemas na leitura mais intensa realizada no computador, ele também é utilizado para a leitura de livros como indicaram Bruna, Livia e Vanessa.

Essa é uma questão relevante porque aponta para a possibilidade de diferentes práticas de leitura na tela de computador. O que não significa dizer que o mesmo texto lido no livro ou na tela enseje práticas semelhantes, uma vez que o suporte que disponibiliza o texto supõe práticas de leitura específicas (CHARTIER, 1994, 2002, 2003). Mas não somente isso. Há também as especificidades relativas ao leitor, às suas práticas de leitura, que definem a forma de relação com esse novo suporte, como aponta a professora Sônia.

(Sônia) Eu ficava vendo *Speed Racer*<sup>6</sup> lá sentada. Aí à medida que ele aumentava a velocidade ele começava a ver miragens, a ver coisas, lembra? Ele aumentava a velocidade ele via miragens, a paisagem mudava [...], eu era nova e ficava imaginando. [...] Agora aumenta a velocidade, que tudo em volta também muda. Essa velocidade está ligada à internet. Para você acompanhar a velocidade da internet, quer dizer essas novas formas [...], esse virtual todo, você tem que também estar

---

<sup>5</sup> A questão da definição do que é um livro na era digital, embora não seja um tema que tenha surgido das falas é aqui de grande relevância. Enquanto para alguns o livro é um objeto que permanecerá existindo por um longo tempo, por exemplo, Eco e Carrière (2010), outros autores pensam na mutação que ele sofrerá, por exemplo Machado (1994) e, outros, refletem sobre as possibilidades desse novo suporte Darnton (2010).

<sup>6</sup> Desenho animado transmitido pela Rede Globo de Televisão durante a década de 70 que narra as aventuras de um jovem corredor *Speed Racer* ao volante de seu carro de corrida, o *Mach 5*



acelerando você. Aí você acelera através de que? Da leitura e da escrita. Eu particularmente não sei ler na internet. Não tenho essa velocidade assim. As coisas assim. Se for um texto, tem que parar, imprimir, aquela coisa antiga. Mas tem gente que lê aquilo com uma rapidez que eu: “Ué, já acabou de ler” [...] Meu parâmetro é o meu filho porque é mais novo. “Que é isso Carlos Alberto você já leu isso daí?” “Já mãe, pode mudar para outro”. Ainda estou lá no primeiro parágrafo. Você vê que isso tá ligado ao quê? À velocidade. A velocidade vai *tchom, tchom, tchom, tchom*, vai, vai, vai, aí vai te sugando, vai, sei lá. [...] Ou você se estrutura conforme, aí é o caso da internetês, que aí você vai abreviando para poder acompanhar, vai usando outros termos para poder se ter aquela mesma significação, ou você fica igual a mim, de repente você para, “poxa, deixa eu imprimir isso aqui pra voltar ao meu linear”. Para mim o ponto chave dessa situação é a velocidade. A velocidade da comunicação, é velocidade [...] de tudo. Ela vai transformando, aí você ou vai se adequando aquilo ou não vai.

A fala de Sônia e as falas citadas anteriormente acentuam as diferentes características da leitura do livro impresso e da leitura na tela do computador. Elas podem ser complementadas com as análises sobre os três tipos de leitor<sup>7</sup> que Lúcia Santaella apresenta em seu estudo sobre os diferentes perfis cognitivos envolvidos em distintos atos de leitura: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo.

O leitor contemplativo é aquele que pratica a leitura em retiro voluntário, mesmo quando está cercado de pessoas. Ele realiza essa atividade sentado, imóvel e em abandono. Uma leitura que tem no livro seu suporte privilegiado e é essencialmente de “contemplação e ruminação”. Mas “por trás da aparente imobilidade, há produção silenciosa da atividade leitora” (SANTAELLA, 2004, p.23). Citando Manguel, Santaella descreve o leitor como alguém envolvido em um processo complexo, no qual são mobilizados a percepção, a inferência, o julgamento, a memória, o reconhecimento, o conhecimento, a experiência e a prática intensa da atividade mental (MANGUEL, 1997, p.54).

O leitor movente ou fragmentado é o que corresponde ao novo contexto da metrópole moderna. A vivência do homem na metrópole moderna é marcada pela fragmentação, pelo transitório, pelo excesso de estímulos, pela velocidade, pelo superficialismo. Nesse contexto os novos meios de comunicação adquirem relevância cada vez maior: locomotivas, estações ferroviárias, telégrafo, telefone, jornais, marcam um novo tempo e um novo ritmo para a produção e a circulação de pessoas e de informações.

O cenário da metrópole também se modifica com as redes de eletricidade, as lanternas a gás, os neons, as vitrines, os *boulevards*, os cafés, os museus, com a ampliação da lógica do consumo e da moda, que estetizam a vida cotidiana. Na moderna metrópole tudo perde a sua aura, transformando-se em mercadoria, fazendo nascer um tipo de percepção ligada ao instante presente, à proximidade das coisas, ao imediatismo. O passado perde o seu valor na medida em que o cidadão da cidade preocupa-se muito mais com a sua

---

<sup>7</sup> A autora não desconhece a variedade das práticas de leitura.

vivência. Em um mundo onde a novidade é definida pela substituição das mercadorias, a publicidade e as imagens que ela produz ocupam a função de alimentar a ilusão de mudança, intensificando ainda mais o processo de mercantilização das coisas. As próprias imagens tornam-se mercadoria (SANTAELLA, 2004, p.25-28).

É esse cenário constituído ao redor do homem moderno que, expondo-o a “uma multiplicidade infinita de imagens e registros, tipos, estilos e perfis urbanos”, torna possível a emergência de um novo tipo de leitor, o leitor movente ou fragmentado, “aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos” (SANTAELLA, 2004, p.29). Um leitor acostumado aos novos ritmos e ao movimento incessante da vida na moderna metrópole, que tornam os estímulos fugazes, distraíndo-se constantemente à medida em que trava contato com sensações fugidias, constituindo uma percepção instável e de intensidade desigual. Um leitor de linguagens “efêmeras e híbridas”, de “formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo” (SANTAELLA, 2004, 29-30).

Este leitor preparou a sensibilidade humana para o surgimento de um outro tipo de leitor, aquele que surge com as redes telemáticas, estruturadas a partir de conexões não lineares e espaços virtuais, o leitor imersivo ou virtual.

Em uma estrutura hipertextual todo conteúdo conecta-se por nós, sendo possível passar de um conteúdo a outro com um simples *click* do mouse. O leitor imersivo tem diante de si uma tela na qual uma infinidade de conteúdos podem ser disponibilizados (“um monte de sites”, como afirma Michel). É um leitor mais livre na medida em que o percurso por esses conteúdos se dá através dos nexos que ele mesmo estabelece ao “navegar”. Leitor em constante estado de prontidão, “conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo, etc.” (SANTAELLA, 2004, p.33).

As falas dos sujeitos indicam o que a própria autora reconhece quando afirma que esses três tipos de leitores podem coexistir. Como assinalamos mais acima, eles podem coexistir e podem inserir conteúdos disponibilizados em um tipo de suporte a partir de uma outra lógica. Até mesmo porque nem todos os conteúdos da rede são disponibilizados de fato em uma estrutura hipermidiática. Por exemplo, embora tenhamos que utilizar nossas habilidades de leitores imersivos para encontrar um determinado livro na internet, muitos deles estão disponíveis em formato PDF, ou seja, nele não existe nó que possa ser acessado



para nos levar a outro texto<sup>8</sup>.

O conteúdo disponibilizado em uma tela de computador pode então ser apropriado a partir de outra lógica, ainda que continue guardando as suas especificidades, ligada, por exemplo, àquelas práticas mais próximas do leitor imersivo e que constituíram o modelo das práticas escolares. Assim, o próprio Michel afirma que:

(Michel) Agora eu estou fazendo um curso, aí eu tenho que fazer o trabalho. Aí eu tenho que fazer pesquisa na internet [...] tem que ler, entender e passar por escrito. Senão não pode. Porque [...] o aluno [...] às vezes nem olha, só copia e manda imprimir e entrega ao professor. Aí não sabe nada do que está ali. [...] Vai ver que o que está ali não tem nada a ver com o que professor pediu. Aí o professor [do curso] pede para ler, entender e escrever manuscrito.

Mas, o oposto também pode ocorrer. A rapidez apontada por Sônia altera as próprias condições de produção do livro impresso.

(Sônia) Por isso que ninguém gosta. Por isso que a menina do Crepúsculo, [...] olha só, eu não li o Crepúsculo [...] e não tenho conhecimento, mas deve ser uma linguagem muito mais, assim, ágil, mas leve, entendeu. Vamos, vou usar a minha área, os períodos não devem ser formados por sujeito, predicado e todos os complementos possíveis. Usando aquelas coisas todas. Deve ser uma leitura muito, assim, rápida, uma leitura que elimine determinadas coisas assim. Quanto ao literário não, ele se prende muito a isso.

Sônia traz a interessante ideia de que em um tempo onde a rapidez define cada vez mais a sensibilidade dos homens, não podemos sequer associar o objeto livro à possibilidade de realização de uma leitura tranquila e meditativa. Escrito em uma estrutura simplificada para possibilitar seu consumo rápido, o material impresso pode prestar-se também a um consumo que assimila algumas das características dos novos suportes.

Retomando a fala anterior de Michel sobre os procedimentos adotados pelo seu professor, podemos ver que a preocupação com um acesso, julgado como mais superficial, conduz ao estabelecimento de mecanismos para forçar o aluno a lidar com a informação de modo supostamente mais reflexivo. A preocupação do professor do curso de Michel e do próprio Michel com a forma como os alunos lidam com a informação na rede surge também em uma fala da professora Teresa durante a mesma entrevista.

(Teresa) Quer dizer ficou mais difícil agora você conseguir ter acesso assim. Na nossa visão de professor, você não sabe se o aluno leu ou não. E ali, quando ele escrevia, pelo menos ele

---

<sup>8</sup> André Lemos e Pierre Levy diferenciam a função massiva, voltada para a transmissão de conteúdos produzidos de modo mais centralizado, com uma definição mais rígida entre produtores e consumidores, disseminados de um centro produtor à massa de consumidores, e função pós-massiva, mais difusa, não tendo limites rígidos entre produtores e consumidores, e permitindo relações mais colaborativas, interativas e distributivas. Ao falar em função o autor pretende deixar claro que é a forma pela qual são configuradas as possibilidades de uso que definem a sua natureza. Assim, “um grande portal na Internet, ou um grande sítio de busca ou jornalístico tenta desempenhar funções de massa, enquanto *fanzines*, *flyers* impressos ou mesmo rádios comunitárias buscam desempenhar funções pós-massivas (LEMOS e LEVY, 2010, p. 47-49).

escrevendo ele estava lendo. É um processo de leitura e escrita. Mas aí para você escrever você tem de ler. Agora, com a tecnologia você só imprime, você não precisa ler tudo. O resumo. Então, para essas coisas assim, essas novidades, a gente tem que estar atento pra isso.

A professora Tereza aponta para uma questão importante, já assinada por Michel e que é comentada constantemente pelos professores: a cultura do copia e cola, denominada popularmente de “CTRL+C” (*control* “c”), CTRL+V (*control* “v”), ou “pescópia” (neologismo que une as palavras pesquisa e cópia, significando a simples seleção de conteúdos disponíveis na internet, que são transformados em trabalhos acabados sem passar por um processo mais autoral). Não resta dúvida de que a realização de atividade através da escrita mobiliza diferentes aspectos cognitivos e motores, quando comparados à digitação no computador, ou seleção de trechos da internet, ou de enciclopédias eletrônicas através do mouse. Mas o que temos que discutir é se esta prática é determinada pelo uso da tecnologia, ou por uma das formas de sua utilização que pode inclusive preceder-lhe.

O que quero dizer é que o fato de o aluno ter de copiar o texto de forma manuscrita não garante algum tipo de superioridade desta prática em relação à seleção e a cópia de conteúdos em sites da internet ou em conteúdos e enciclopédias virtuais. Pelo contrário, ela será ainda uma cópia. O que parece que a professora Teresa chama a atenção é para o procedimento através do qual os alunos constroem seus textos de pesquisa de forma a torná-los mais autorais. A simples cópia manuscrita não garante isso porque, como professores, sabemos que o aluno copia às vezes o material de seu colega, ou simplesmente cópia o conteúdo de um livro onde encontra o tema abordado pela pesquisa.

Uma preocupação similar em relação a essa forma de utilização dos conteúdos disponibilizados através da internet foi manifestada pela professora Ana Maria, de Língua Portuguesa, quando comentou por escrito a imagem que produziu ao fotografar dois dispositivos de armazenamento de informação (*pen-drives*).

(Ana Maria) A tecnologia aumenta a facilidade de ler pelo computador, sem ter que comprar o livro. Aumenta também o desinteresse pelos clássicos na medida em que os resumos estão prontos, acessíveis e resolvem o problema imediato de uma possível prova ou trabalho escolar. Os jovens não têm consciência do prejuízo que estão causando para sua própria formação e optam pelo mais fácil, sem perceber o preço que pagam pela falta de maturidade.

Nesse caso específico dos resumos posso citar o que ocorria quando eu era aluno do antigo ginásio, há mais de 30 anos atrás, quando tinha de realizar as provas de língua portuguesa baseadas em livros indicados pelos professores. Eu e meus colegas simplesmente pedíamos a algum outro colega, que havia lido o livro em questão, algumas informações que, sabíamos, seriam cobradas na avaliação, não sendo necessária a leitura do

livro. Parece-me então que estamos a falar de outro aspecto ligado à internet que diz respeito às formas de sua utilização que não estão dados e que implicam necessariamente algum tipo de mediação por parte da escola.

O professor Hércio também chama a atenção para alguns aspectos negativos presentes na relação com a internet. Em suas falas ele acentua dois aspectos. Em primeiro lugar, ele fala dos problemas relacionados ao modo como alguns textos são estruturados na rede.

(Hércio) Em relação à leitura a questão das notícias serem muito abreviadas então torna o hábito da leitura abreviado também. Então eles não vão ter a consciência crítica. Não vão conseguir fazer o enxugamento da notícia. Porque você vai ler a notícia tem três linhas, tu vai enxugar o quê? Não vai enxugar nada. É o resumo do resumo, e o que está por trás fica meio camuflado. Você pega ali o *Yahoo*. Lá no *Yahoo* é uma linha a notícia. Aí tu clica ali vai aparecer quatro cinco linhas. E aí o cara já passou a informação em quatro cinco linhas que você queria. Mas o que que está por trás de quatro cinco linhas. Quando você pega o texto do jornalista, sei lá qualquer um deles que escreve em jornal, que é uma página, por mais que seja uma página, você entende o que está por trás. Você pode discutir, trazer para a sala de aula para discutir. Como você vai discutir quatro linhas, entendeu? Aí eu acho que a internet limita. Tem um lado que é melhor ler na internet do que não ler nada. Mas limita demais cara. Livro continua sendo livro. Livro não perdeu sua função ainda não.

A questão apontada por Hércio pode estar relacionada à própria natureza da leitura que, muitas vezes, é levada à efeito pelo denominado leitor imersivo, que passa os olhos de *site* em *site* buscando aquilo que lhe chama a atenção. Conteúdos mínimos transmitem imediata sensação de acesso à informação. Assim, muitos *sites* disponibilizam informações resumidas, pois sabem que há um tipo de leitor que navega por esses espaços sem tempo para se deter demoradamente em um ou outro conteúdo.

Mas podemos também criticar a ideia de que essa é uma característica encontrada apenas na rede, nos espaços virtuais. Vejamos os comentários de Isabela e de Samanta.

(Isabela) Assim, um jornal que eu não aceito até hoje é assim esse jornal, acho que é expresso, esse de 50, 70 centavos. [...]

(Samanta) É que a informação é expressa, espremida, sabe?

(Isabela) É. Só fala daquilo gente. Só fala assim de que mataram fulano ali. Não, e o pior, o palavreado é totalmente distorcido. Aí é ridículo. Fala sério [...]. E a maioria agora só bota aquelas mulheres peladas lá, de bunda para fora. Ah, isso me irrita. Aí você quer procurar uma coisa, um conteúdo bom, não encontra. Só fofoca dos artistas, mesmo assim, fofoca ralé, que nem serve.

Está em jogo neste comentário de Isabela o mesmo princípio que anima a crítica feita pelo professor Hércio em relação a conteúdos que são extremamente reduzidos, “espremidos”. Ainda podemos observar que as professoras Márcia, de educação física, e Deise, de biologia, tem opiniões similares ao comentar as fotos abaixo. Márcia está comentando a fala de um dos alunos que diz que só lê o jornal quando sua colega compra -

o jornal Meia Hora<sup>9</sup>. A professora Deise, de biologia, então afirma que “Meia hora é triste”. Márcia então retruca que “É. Eu falei para ele que meia hora são dez minutos, porque em dez minutos você lê”.

Mas se Isabela e Márcia acentuam o caráter resumido do jornal impresso, essa última chama a atenção para a questão dos equívocos gerados por essa forma de apresentar a informação também na rede. O que torna necessária que a pesquisa seja feita em “*sites sérios*”. Mas ela reconhece que essa não é uma especificidade da rede, sendo necessário “filtrar a informação em qualquer lugar, no jornal de papel, na televisão e no mundo virtual”.

Retornando à fala do professor Hércio, o segundo aspecto por ele citado tem relação direta com essa questão abordada na fala da professora Márcia. Hércio analisa agora as modificações na natureza do conhecimento e na sua disponibilização, expressas por ele ao comparar as fotos da biblioteca com fotos do laboratório de informática.

(Hércio) Para falar assim, a biblioteca: o antigo. Como que era a leitura. O moderno: a internet. O laboratório de informática. [...] Aqui é a leitura antiga. Um lugar que nem ninguém frequenta. Você vê que até o estado do prédio deteriora. É um espaço central na escola. É onde estão as informações; estavam as informações. Se você reparar o CIEP, o arquiteto, do CIEP, no caso não sei nem se foi o Oscar Niemayer, colocou a biblioteca [...] sempre na frente. Está sempre na frente. Tipo assim, é espaço do saber, mas esse é o antigo espaço do saber. Porque não precisa mais de um prédio para ter o saber. Basta você ter [bate no notebook] uma maquininha dessa que você vai ter tudo o que está aqui [aponta para a foto da biblioteca] dentro dessa máquina. E esse é o novo espaço de saber da escola [aponta para a foto do laboratório de informática].

Em outras falas a biblioteca foi avaliada a partir de diferentes pontos de vista. Alguns avaliavam a biblioteca como um espaço sem uso e outros viam naquele espaço um local fundamental para retirada de livros de leitura e confecção dos trabalhos escolares. Na fala do professor Hércio lemos uma avaliação muito próxima às críticas, mas construída a partir da comparação entre o espaço da biblioteca, o “antigo”, “antigo espaço do saber”, e o “moderno”, a “sala de informática”, o computador.

O saber não precisa, como bem fala Hércio, estar limitado a um espaço físico, porque ele circula pelas vias das redes telemáticas, bastando um ponto de acesso, o celular ou somente os computadores do laboratório de informática da escola. Entretanto, a ideia de que esse tempo já se realizou exige uma reflexão mais apurada, ao menos no que diz respeito às práticas concretas no interior da escola estudada, na medida em que os alunos se queixam da subutilização do laboratório de informática.

Cabe acentuar que a posição explicitada por Hércio tem muito mais o valor de uma

---

<sup>9</sup> Jornal de custo relativamente baixo, conhecido por suas chamadas de duplo sentido.

imagem de pensamento do que uma definição pessoal em relação a essa comparação. Ao longo da entrevista ele mesmo diz que direciona seus alunos para fazer pesquisas na biblioteca, ele mesmo é frequentador assíduo desse espaço, retirando com frequência livros para a leitura, e a própria Marise, a bibliotecária, cita o exemplo de alguns alunos que vão à biblioteca por conta de indicações que ele faz durante as aulas.

Mas a comparação estabelecida por ele através da oposição entre as imagens da biblioteca da escola e de seu laboratório de informática serve como motivação para uma reflexão sobre as relações entre aquelas práticas que definiram a identidade da escola e as novas práticas que ganham cada vez maior relevância, associadas ao uso constante por parte dos alunos dos conteúdos disponibilizados por essas novas tecnologias e processos.

A mesma reflexão sobre os usos da biblioteca e dos conteúdos disponíveis na internet foi feita pela aluna Samanta ao comentar uma foto da biblioteca. Samanta afirmou que usava mais a biblioteca para leitura de livros, usando a internet mais para suas pesquisas. Quando eu comento que durante as entrevistas duas alunas manifestaram a opinião de que o acervo era um pouco velho, Samanta afirma não concordar com a opinião de algumas pessoas de que “o livro velho é chato”, pois para ela “Tem [...] muita coisa nova que é chata. Não é interessante. Tem coisas antigas que são interessantes.”

Depois de negar tanto o caráter necessariamente positivo daquilo que é “novo”, quanto a natureza intrinsecamente negativa daquilo que é “velho”, Samanta faz uma reflexão sobre uma fala de uma professora da escola, sem dizer nem o seu nome, nem a sua disciplina. A crítica de Samanta é endereçada à opinião generalizada manifestada por essa professora sobre a relação de apego excessivo do jovem com a internet.

(Samanta) [...] Ela generaliza como se a internet fosse algo ruim. E eu acho que não [...]. Tudo tem seu lado bom e seu lado ruim. Umas coisas a mais, outras a menos. Ela [...] diz que leitura vem só de livro. Que para fulano ler o livro tal tem que ir à biblioteca. Não é só isso. Pesquisa tem que ser só no livro? Não. Na internet é como se você estivesse indo a uma biblioteca pegar um livro. Só que o que? Na biblioteca é difícil de achar. Na internet não, é mais fácil. Você chega lá [faz] o download e salva. Então não precisa pegar emprestado, você salva. Pode curtir o resto da vida. [...]. Você tem mais variedade. Você bota o nome lá para pesquisar o estilo barroco, sai lá um monte de coisa. Uma mais resumida...

(Isabela) É. O que não tem no livro, você encontra na internet.

(Samanta) ...outras mais detalhadas. [...] Mas se for numa biblioteca, normalmente você fica lá, procurando livro por livro. Na internet já sai lá o título: o barroco, aí você vai lá, tudo que tem do estilo barroco. [...] Alguns mais resumidos, outros mais detalhados, outros citam autores, outros não, só explicam o que que foi. Outros explicam cada fase. Eu acho que em matéria de pesquisa os professores [...] todos deveriam aceitar a internet. [...] Mas tem professor que eu acho que ainda se prende muito à questão da pesquisa só em livros, pesquisa só assim.

Samanta aponta para as facilidades de realização da atividade de pesquisa que se baseia nos recursos disponíveis através do acesso à internet quando comparadas ao uso da

biblioteca.

Mas não basta o acesso ao conteúdo, é preciso saber como utilizá-lo.

(Samanta) Tudo bem, tem garoto que vai lá na página lê só o título e copia e pimba. [...] É porque muita gente não sabe como faz. Eu pego, achei lá. Aí eu achei aquele pedaço, eu acho aquele pedaço desnecessário então eu pego só aquele. A minha pesquisa é pesquisa mesmo! Eu vou pesquisando em vários sites. Vou buscando e juntando lá no *Word*, vou juntando lá. Depois se for entregar impresso, eu boto a letra tudo igual, boto lá direitinho. Eu arrumo. É assim, é pesquisa, você acaba tendo que ler. Eu acho que tem que ser assim.

(Sérgio) E você lê e vai modificando aquilo que você pegou?

(Samanta) Eu vou modificando. Tem umas coisas é... Tem palavras que eu dispenso que acho... que eu troco. Aqui não ficou muito estranho. Vai parecer que eu estou copiando mesmo da internet. Eu troco. A internet vem [...] com a norma bem culta, com as palavras [...] pouco usadas. Eu troco por uma bem usada. Eu vou trocando assim mesmo.

Samanta mostrou-se uma usuária com bastante conhecimento da rede e de como relacionar-se com ela, o que já podemos perceber de suas falas anterior quando ele cita a maneira pela qual os conteúdos de uma pesquisa podem ser disponibilizados na internet nos sites de busca. Esse mesmo desprendimento pode ser verificado em sua descrição de sua dinâmica de realização de uma pesquisa escolar, que em nada lembra as preocupações mais comuns relativas a um uso mais superficial, não autoral, por parte de nossos alunos.

### **Considerações Finais**

Chartier afirma que muitas de nossas inquietações de hoje derivam do desaparecimento dos antigos critérios que usávamos para nos relacionar com diferentes tipos de discurso e que nos permitiam diferenciá-los, organizá-los e atribuir-lhes diferentes graus de relevância. Mas a perda desses critérios, originada com o uso da tecnologia digital, perturbou igualmente a maneira através da qual organizávamos “a relação entre a demonstração e as fontes, a organização da argumentação e os critérios de prova”, constituindo uma significativa “mutação epistemológica” (CHARTIER, 2002, p.107-108).

Diante da multiplicidade de conteúdos disponibilizados, como saber quais são confiáveis? Diante da disponibilidade da informação, como saber se um texto é mesmo autoral? Como saber se nosso aluno leu e compreendeu aquele conteúdo?

Diante de tantas inquietações resta observar o percurso de nossos alunos e perceber que é possível a construção de habilidades que lhes permitam lidar com essa enorme massa de informação de uma forma mais qualificada, crítica, reflexiva. A leitura, seja qual for o suporte, faz parte do universo dos jovens. As falas explicitam que as relações entre os diferentes suportes não podem ser analisadas de modo superficial. Ao mesmo tempo, elas apontam a necessidade de que a escola assuma um papel de mediação, proporcionando aos nossos alunos as habilidades necessárias para se relacionar com diferentes suportes.



## Referências bibliográficas

CARRIÈRE, J.C.; ECO, U. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Formas e sentido: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

DARTON, R. **A questão dos livros: passado, presente e futuro** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEMOS, A. ; LEVI, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulos, 2010.

MACHADO, A. Fim do livro?. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, maio/ago. 1994. p. 201-214.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. ; REY, G. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. 2. ed. São Paulo: Sêneca, 2004.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulos, 2004.